



O PAPEL DA ORIENTAÇÃO INDIVIDUAL PARA O DESENVOLVIMENTO DA AUTONOMIA DE APRENDIZES DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS

Mergenfel A. Vaz Ferreira

Universidade Federal do Rio de Janeiro

megvazferreira@gmail.com

Resumo: O presente artigo advoga a necessidade de um trabalho voltado para o desenvolvimento de estratégias de autonomia que possam contribuir para a conscientização de estudantes de línguas estrangeiras sobre seu papel fundamental no processo de aprendizagem. Para tal, foi desenvolvida uma pesquisa junto a estudantes de graduação em Letras Português-Alemão, com vistas a se verificar a influência do uso de recursos metodológicos como a Orientação Individual (KLEPPIN/ MEHLHORN, 2008; KLEPPIN/ SPÄNKUCH, 2014) sobre sua percepção acerca de aspectos relacionados a aprendizado autônomo e centralidade do aprendiz no processo de aprendizagem/aquisição de Alemão como Língua Estrangeira. Assim, nesse artigo, serão discutidos não somente os resultados dessa pesquisa, mas também serão apresentados os principais pressupostos teóricos que balizaram a análise dos dados.

1. Introdução

O debate sobre os traços que definiriam um aprendiz autônomo trata de diferentes aspectos como a habilidade de controlar seu próprio aprendizado, a capacidade de tomar decisões sobre seus objetivos e o desenvolvimento de diferentes meios para a autoavaliação de seu processo de aprendizagem (LEFFA, 2003; PAIVA, 2005; DICKINSON, 1995).

Considerando todos esses aspectos, a presente pesquisa está centrada principalmente na ideia de autonomia como um elemento fundamental para o crescimento do aluno, enquanto protagonista do desenvolvimento do seu aprendizado.

Numa outra ponta, problemas como baixa motivação, pouco tempo disponível para estudo, e, muitas vezes, a crença numa suposta "autossuficiência" das aulas presenciais reforçam a urgência de um trabalho voltado para o desenvolvimento de estratégias de aprendizagem autônomas junto aos alunos.

Nesse sentido, com base em recursos teóricos e metodológicos, como a Orientação Individual (KLEPPIN/ MEHLHORN, 2008; KLEPPIN/ SPÄNKUCH, 2014), este artigo tem por objetivo apresentar uma pesquisa piloto desenvolvida em contexto de ensino de Alemão como Língua Estrangeira em turmas de graduação em



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Letras em um universidade pública. A pesquisa teve por finalidade a verificação do impacto do uso do instrumento metodológico Orientação Individual sobre a percepção dos estudantes a respeito, principalmente, dos seguintes tópicos: desenvolvimento do conceito de autonomia nos estudantes, importância dos papéis de professores e estudantes nos processos de ensinar e aprender, importância em se estabelecer objetivos e metas próprias e individuais de aprendizagem, assim como a necessidade de um bom e estruturado conhecimento sobre estratégias de aprendizagem.

A relação entre motivação e autonomia está no centro das investigações de DICKINSON (1994;1995). Para o autor, aprendizes ativos e com grande envolvimento e independência em seu processo de aprendizagem têm uma maior motivação para aprender e apresentam conseqüentemente maiores chances de eficiência em sua aprendizagem (1995: 165). DICKINSON também relaciona o desenvolvimento da motivação dos aprendizes a duas importantes condições: a primeira estaria relacionada à percepção de um ambiente de aprendizagem de caráter mais informacional que controlador e avaliativo; a segunda seria o fomento a um contexto de aprendizagem que apoie a autonomia e facilite a tomada de decisões por parte dos próprios aprendizes.

Dessa forma, pode-se dizer que a associação entre autonomia e um determinado grau de responsabilidade do indivíduo pela sua aprendizagem é um consenso na literatura que trata do tema. KLEPPIN (2006: 2) relaciona o conceito de autonomia à capacidade do aluno de regular seu próprio caminho de aprendizagem, mesmo que para isso ele conte com o auxílio de um orientador/ consultor. A autora explica que há diferentes níveis de autonomia que podem variar de acordo com diferentes fatores como tradição na educação, socialização escolar, experiências em aulas de língua e fatores pessoais como independência, capacidade de reflexão e motivos.

Muitas das definições para o conceito de autonomia, equiparam-no à ideia de autodeterminação, que muitas vezes, pode ser confundida com autodidatismo. Em relação a esse tema, ESCH (1996: 37) elucida, resumidamente, o que não deve ser considerado autonomia. Para ele, autonomia não é auto-instrução; aprendizagem sem professor; não significa que a intervenção ou iniciativa por parte do professor seja banida. Nas palavras de LITWIN (2001: 17) "um autodidata é aquele estudante que seleciona os conteúdos e não conta com uma proposta pedagógica e didática para seu estudo".

Como THANASOULAS (2000), concordamos que existem graus de autonomia e que este não é um conceito absoluto. De acordo com este autor, o aprendiz adentra na situação de aprendizagem quando usa o conhecimento e habilidades



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

para planejar, monitorar e avaliar a sua aprendizagem, ou toma as decisões concernentes ao conteúdo ou objetivos.

No contexto universitário alemão, Projetos em *Consultoria de Aprendizagem de Língua* – outra tradução possível para *Sprachlernberatung* – (no caso desta pesquisa, preferimos a forma *Orientação Individual para Aprendizagem de Línguas*) são oferecidos em Centros de Ensino ou em Institutos como uma solução didático-pedagógica para trabalhar de forma mais personalizada questões de aprendizes ligadas a seus respectivos processos de aprendizagem de línguas (KLEPPIN/ SPÄNKUCH 2014).¹

KLEPPIN/ MEHLHORN (2008: 46) explicam que o objetivo principal da Orientação Individual para Aprendizagem de Línguas é apoiar alunos dentro e fora dos seus respectivos contextos institucionais de ensino, levando-os a tomar uma posição de maior responsabilidade sobre seu próprio processo de aprendizagem e a traçar novos caminhos. Tal objetivo é alcançado quando o consultor ajuda o aluno a desenvolver habilidades com as quais ele consiga: (i) decidir sobre seus próprios objetivos, (ii) escolher estratégias de aprendizagem, materiais e formas sociais de trabalho, (iii) se conscientizar dos seus motivos e posicionamentos relacionados à aprendizagem, (iv) acompanhar seus progressos e avaliar seus resultados, e (v) ao longo desse processo manter sua motivação.

A orientação não deve ser vista como um momento de mera troca de dicas ou receitas sobre a melhor forma de se aprender uma língua. Ao contrário, ela deve ser tida como uma oferta estruturada de ajuda à reflexão para que o próprio aluno descubra o melhor caminho para si.

No presente artigo, além dos pressupostos que fundamentaram a pesquisa, serão abordados os procedimentos metodológicos do trabalho com a Orientação Individual e os principais resultados advindos dessa experiência.

2. Metodologia

Com vistas a verificarmos a influência do recurso didático-pedagógico descrito na Introdução como potencialmente promotor do desenvolvimento de autonomia em aprendizes - a Orientação Individual para Aprendizagem de Línguas -, realizou-se a pesquisa que passaremos a relatar a seguir. Trata-se de uma pesquisa de base qualitativo-interpretativista

¹Exemplos de projetos de *Sprachlernberatung* em diferentes contextos universitários e escolares encontram-se reunidos online em um caderno especial da *Zeitschrift für interkulturellen Fremdsprachenunterricht*, publicado em 2006, número 11.
(83) 3322.3222



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

(LÜDKE/ ANDRÉ 1986; LÜDKE 1987), sendo ressaltados, aqui, alguns pontos também destacados por DENZIN/ LINCOLN (2006: 23), como: “a natureza socialmente construída da realidade, a íntima relação entre o pesquisador e o que é estudado, e as limitações situacionais que influenciam a investigação”. Pode-se também situá-la como uma pesquisa participante (HAGUETTE 1999; MORIN 2002), uma vez que todas as atividades tiveram a presença e participação ativa da pesquisadora.

A fim de estabelecermos um parâmetro de comparação entre o grupo que fez uso, em sua rotina de estudos, do recurso pedagógico citado e os demais grupos da instituição, convencionamos denominar os grupos de estudantes como Grupo OI (*OI* como abreviação de *Orientação Individual*: grupo formado pela turma que trabalhou com as orientações e com o conceito de autonomia) e Grupo Re¹ (*Re* como abreviação da palavra *regular*: grupo formado pelas outras turmas regulares da graduação). Essas turmas responderam ao fim do semestre a um questionário que tinha por objetivo a verificação do impacto (ou não) das orientações sobre os hábitos de estudo e sobre a percepção dos estudantes acerca de questões como autonomia e estratégias de aprendizagem. A análise dos dados obtidos através dos questionários fundamentou-se no referencial teórico apresentado resumidamente neste artigo.

O grupo, denominado OI, encontrava-se no segundo semestre do curso de alemão da graduação em Letras Português- Alemão, portanto em nível bastante inicial. Tratava-se de um grupo pequeno, composto por 8 (oito) estudantes, formado por 6 (seis) alunas e 2 (dois) alunos, dentre os quais, dois já tinham alguma experiência pregressa com o idioma alemão. A seguir apresentaremos a descrição dos passos adotados para a realização da presente pesquisa.

Passo 1: tematizando autonomia

O projeto teve início com um pequeno debate desenvolvido junto à turma em torno do conceito de autonomia da aprendizagem. Os estudantes foram convidados a pensarem sobre o conceito, de modo a que a turma, ao final, chegasse a uma definição que considerasse adequada sobre o termo. Dentre as várias colocações levantadas pelos alunos e alunas, elencamos pontos que mereceram destaque, como:

- Capacidade de aprender sem o auxílio do professor;
- Capacidade de buscar outras fontes de informações;
- Procurar por outros materiais de estudo;
- Estudar através de meios digitais, entre outros.

¹ Para as representações dos grupos nos dados da pesquisa com o questionário serão utilizadas as formas abreviadas *GrDi* e *GrRe*
(83) 3322.3222



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

É importante salientar que, além do espaço para a discussão do conceito, podemos conjuntamente refletir sobre os aspectos que emergiram. Assim, o fato da autonomia estar bastante associada ao conceito de autodidatismo pôde, por exemplo, ser problematizado e discutido no grupo.

Passo 2: objetivos e estratégias de aprendizagem

Outro ponto fundamental problematizado pelo grupo foi o que associa a autonomia ao protagonismo do aprendiz acerca de seu processo de aprendizagem. Nesse sentido, pudemos perceber que o reconhecimento dos estudantes sobre seu papel central diante das decisões sobre objetivos pessoais de aprendizagem e estratégias de estudo precisava ser reforçado e melhor desenvolvido. Por isso foram propostas as seguintes atividades ao grupo:

Atividade 1:

Em duplas, os estudantes escreveram em tiras de papel os objetivos que considerassem pertinentes para o semestre cursado. Estes objetivos foram lidos pelo grupo e, após retirados os objetivos duplicados, foi feito um documento da turma com os seus objetivos para aquele semestre. O intuito de tal atividade visava que cada estudante pudesse posteriormente estabelecer seus próprios objetivos pessoais para o semestre. Os principais objetivos listados foram os seguintes:

- Incorporar palavras e estruturas aprendidas em situações de uso
- Desenvolver / Melhorar compreensão auditiva
- Desenvolver a pronúncia
- Ler textos literários em alemão
- Aumentar o vocabulário
- Identificar melhor o gênero de artigos
- Usar corretamente os verbos no modo imperativo
- Tentar falar com outros estudantes ou com alemães
- Escrever e-mails em alemão
- Falar com mais fluência
- Ler textos de diferentes gêneros (HQs, receitas, etc.) em alemão
- Aumentar minha produção escrita
- Escrever com mais desenvoltura
- Distinguir as preposições de *Akk* e *Dat*
- Falar sobre acontecimentos passados
- Dar informações aos turistas na rua



Atividade 2:

Na segunda atividade, os alunos foram convidados a pensar em estratégias de estudo que considerassem adequadas a alcançar os objetivos que haviam estabelecido previamente. Dessa forma, cada dupla de alunos sorteou em média dois ou três objetivos de aprendizagem e para cada um deles estabeleceu alguma estratégia de estudo. É importante ressaltar que, nesta pesquisa, estratégias são compreendidas como ações ou comportamentos específicos empregados por estudantes em seu processo de aprendizagem de uma língua estrangeira (OXFORD 1990: 11).

Novamente aqui, o objetivo da atividade era o de ampliar o leque de estratégias conhecido ou utilizado pelos estudantes em sua rotina de estudos para que posteriormente pudessem aplicá-las em seus respectivos processos de aprendizagem. As principais estratégias lembradas pelos estudantes foram estas:

- Escrever e-mails
- Fazer tabelas com regras gramaticais e exemplos
- Tentar falar com outros estudantes ou com alemães
- Fazer mapas conceituais de acordo com temas, ex: família, alimentação, festas...
- Ouvir música, lendo a letra
- Reescrever textos
- Procurar pronúncia na internet
- Ler bastante e, se possível, em voz alta
- Assistir a vídeo-aulas
- Ver filmes, séries, programas variados em alemão
- Estudar / pesquisar o mesmo conteúdo de outras fontes
- Memorizar letras de músicas
- Escrever as regras várias vezes
- Usar dicionário
- Elaborar exercícios para si mesmo ou para os colegas
- Criar listas de palavras (de acordo com a situação de uso; palavras que começam com a mesma letra; palavras compostas que possuem uma mesma palavra base;...)
- Escrever cartões com tópicos gramaticais ou vocabulário e exemplos
- Compartilhar conteúdos (receitas, quadrinhos, piadas, etc.) com os colegas



Passo 3: Os encontros de orientação

Partindo do conceito de aluno autônomo como aquele que autogerencia seu processo de aprendizagem, apresentamos a proposta aos estudantes do uso do instrumento diário de aprendizagem (ou relato de aprendizagem) como uma possibilidade de auto-organização e acompanhamento de estudos.

Os alunos foram encorajados assim a desenvolver seus próprios diários de aprendizagem, estabelecendo objetivos próprios de aprendizagem e escolhendo, naturalmente as estratégias que considerassem mais adequadas e apropriadas para o alcance desses seus objetivos.

No entanto, apesar de ser um instrumento de auto-organização da aprendizagem e autogestão, o diário também serviu como instrumento avaliativo, sendo a ele atribuída uma nota ao fim do semestre. Além disso, mesmo sendo autogerido, o ineditismo da prática nos fez associar o trabalho com o diário ao uso da orientação individual como forma de acompanhamento e auxílio dos estudantes nessa experiência. Assim, fixamos um calendário de conversas pré-agendadas entre a professora/ orientadora, um monitor de língua alemã e cada estudante para um encontro de Orientação Individual. Dessa forma, tanto o diário quanto os encontros de orientação integraram o conjunto de avaliações da turma para o semestre, sendo que todos os alunos realizaram as tarefas. Os primeiros encontros de orientação aconteceram aproximadamente um mês após o início do preenchimento dos diários e tiveram como objetivo auxiliar os alunos no seu preenchimento, na resolução de possíveis dúvidas em relação às estratégias e seu planejamento, entre outras questões. Houve também um segundo encontro para as orientações ao fim do semestre para, principalmente, que uma avaliação geral da atividade (planos, objetivos, estratégias, desenvolvimento no processo individual de aprendizagem) pudesse ser feita. Cada encontro de orientação teve duração média de 20 a 30 minutos.

Passo 4: resposta ao questionário

Após essa agenda de atividades foi passado um questionário em sete turmas do curso de alemão da graduação, sendo uma das turmas a que chamamos de Grupo OI (composta por oito alunos, sendo que seis responderam ao questionário), ou seja, a turma participante da pesquisa, e as demais turmas formadas pelos cursos que não passaram pelas atividades descritas (que foram chamados de Grupo Re). Dos alunos deste último grupo
(formado por estudantes do primeiro ao sétimo período



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

da graduação), dezenove responderam ao questionário. O questionário era composto por quatro questões: (1) O que você entende por autonomia na aprendizagem de uma língua estrangeira?; (2) Que ações (estratégias, atividades, etc.) você considera importantes para o desenvolvimento do seu aprendizado de alemão?; (3) Dessas ações, quais você efetivamente realiza?; (4) Na sua opinião, qual o impacto dos fatores "aulas presenciais", "estudo orientado pelo professor" ou "tarefas e estudo por orientação própria", no seu processo de aprendizagem hoje? Que porcentagem você associaria a cada um destes fatores, se tivesse que dividir a importância de cada um deles para o seu aprendizado? (Total 100%)

A seguir passaremos a discutir os principais resultados apontados pelas respostas do questionário. Serão aqui apresentadas e analisadas apenas as respostas para as questões 1, 2 e 4.¹

3. Resultados e discussão

A primeira questão teve como objetivo verificarmos de uma forma abrangente e não estritamente conceitual e específica, que aspectos os estudantes da graduação em Letras com habilitação em Português-Alemão, participantes da pesquisa, associariam, de um modo geral, ao aprendizado autônomo. Nesse sentido, a questão foi apresentada da seguinte forma: *O que você entende por autonomia na aprendizagem de uma língua estrangeira?*

Para nossa análise, é essencial verificarmos os elementos nas respostas dos alunos e alunas, que relacionam os aspectos descritos como autonomia ao conceito de aprendizagem autônoma, como revisto na literatura abordada na Introdução deste trabalho, e também, os elementos que se distanciam desse conceito. Esse distanciamento traz, muitas vezes, aspectos que se aproximam do conceito de autodidatismo, como poderemos observar através de exemplos de respostas de alguns estudantes. Dessa forma, é possível que façamos uma análise do grau de conscientização dos participantes da pesquisa acerca dos processos que envolvem a autonomia e a aprendizagem da língua estrangeira alvo.

Analisando os elementos que envolvem o aprendizado autônomo ou autodidata, chegamos à seguinte tabela:

O que você entende por autonomia na aprendizagem de uma língua estrangeira?

¹ A pesquisa completa será publicada na próxima edição da Revista *Pandaemonium Germanicum*, disponível em <http://www.revistas.usp.br/pg>.
(83) 3322.3222



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

	Autonomia	Autodidatismo	Não se aplica
GrOI	4	-	2
GrRe	10	7	2

Tabela 1: Aspectos citados pelos estudantes ligados à autonomia ou ao autodidatismo

Em linhas gerais, foram consideradas respostas com foco em autodidatismo, as que trazem aspectos ligados a um aprendizado fora do espaço institucional (sem qualquer ligação com o mesmo) e sem qualquer auxílio de um professor ou tutor, enquanto foram consideradas para a entrada "autonomia", as respostas que não previam esse tipo de situação (comumente foram citados o estudo complementar do aprendiz e a necessidade de busca por meios e estratégias próprias de aprendizagem). Em "não se aplica" foram consideradas respostas em branco ou, por exemplo, com um ponto de interrogação (estudantes que não souberam responder).

A Tabela 1 apresenta, portanto, alguns dados interessantes em relação à percepção dos estudantes quanto à autonomia da aprendizagem. A análise dos dados nos permite observar que ainda há pouca clareza para os estudantes, principalmente do Grupo Re, acerca do conceito de autonomia. Nesse caso, pode-se inclusive sublinhar como consideravelmente alto número de respostas que associaram autonomia a aspectos de autodidatismo. Como mostram os seguintes exemplos:

GrRe3.3¹: Aprender uma língua sem apoio didático.

GrRe3.7: Aprender a língua sem nenhum apoio acadêmico/ didático, tipo cursos.

GrRe4.2: Aprender uma língua sem a ajuda de uma pessoa física ou de uma instituição.

Esse fato nos leva a afirmar que ainda existe a grande necessidade de um amplo trabalho de conscientização dos aprendizes sobre o seu papel protagonista no processo de aprendizagem, uma vez que parece não haver clareza de que o pertencimento a uma instituição de ensino e/ou a uma turma, sob a organização e gerência de um professor, não exclui ou diminui sua autonomia e seu papel central no seu processo de aprendizagem.

Dessa forma, pode-se dizer que a análise de dados aponta para uma melhor compreensão sobre autonomia entre os participantes do grupo que trabalhou com a

¹ A numeração presente logo após as siglas GrDi e GrRe deve ser compreendida da seguinte forma: o primeiro algarismo corresponde ao semestre em curso (3 = terceiro semestre) e o segundo algarismo ao número do respondente (3,4 = estudante do terceiro semestre; quarto questionário respondido nesse grupo).
(83) 3322.3222



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Orientação Individual. Não houve entre os integrantes desse grupo menção a aspectos autodidatas relacionados à autonomia, como podemos observar nos exemplos a seguir:

GrOI2: É a capacidade de suprimir a dependência total do professor e buscar outros métodos didáticos que facilitem a absorção das estruturas gramaticais do idioma.

GrOI5: Entendo por autonomia o aluno procurar estudar também fora do ambiente universitário.

A segunda questão está ligada às ações listadas pelos estudantes que cumpririam, segundo eles, a função de contribuir com o seu aprendizado autônomo, sendo que a terceira, tem o objetivo de verificarmos que atividades são efetivamente realizadas pelos estudantes.

Como nosso objetivo era justamente aferir o quantitativo de atividades e ações citadas, assim como a qualidade e a tipologia dessas ações, não foi estabelecida uma listagem prévia para que os estudantes somente as marcassem.

A análise quantitativa das atividades citadas por ambos os grupos, em relação a ações que associam ao desenvolvimento de seu aprendizado autônomo, apresentou o seguinte resultado:

Que ações (estratégias, atividades, etc.) você considera importantes para o desenvolvimento do seu aprendizado de alemão?

	(Média de atividades citadas por estudante)
GrOI	6 atividades por estudante
GrRe	3,4 atividades por estudante

Tabela 2: Análise quantitativa das respostas para a questão 2.

É interessante observar que o trabalho com as atividades que envolveram a Orientação Individual, aparentemente, tiveram influência na ampliação do repertório de estratégias de aprendizagem dos estudantes.

Esse fato pode ser percebido não somente através dos dados quantitativos, mas também através da análise das atividades e ações mencionadas pelos estudantes.

No Grupo OI as atividades mencionadas aparecem de forma mais concreta e realizável, enquanto no Grupo Re, muitas vezes, essas atividades figuram num plano que podemos localizar como abstrato (sem especificar em maiores detalhes as atividades realizadas). Vejamos os seguintes exemplos:

GrOI1: Busco sempre estar em contato com o idioma, a partir de livros, música e filmes.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

GrRe3.2: *Exercitar o que foi ensinado.*

Além disso, também é possível identificar no Grupo OI algumas estratégias indiretas ou que poderíamos classificar como metacognitivas, como, por exemplo, a elaboração de mapas conceituais para estudo:

GrOI5: *Fazer mapas conceituais, ouvir música, ler textos, fazer tabelas dos conteúdos gramaticais.*

Também no próximo item do questionário a ser analisado, o trabalho com as orientações parece ter representado importante influência sobre a conscientização dos estudantes a respeito de seu processo de aprendizagem. Na Tabela 3 estão representados, em cada entrada, o número de estudantes que destacou o item em questão (as aulas presenciais, as atividades autônomas e o item equilíbrio, correspondendo às respostas que atribuíram o mesmo peso aos itens anteriores). Assim, observamos os seguintes resultados:

Na sua opinião, qual o impacto desses fatores no seu processo de aprendizagem hoje? Que porcentagem você associaria a cada um dos fatores, se tivesse que dividir a importância de cada um deles para o seu aprendizado? (Total 100%)

	Aulas Presenciais	Atividades Autônomas	Equilíbrio
GrDi	2	2	2
GrRe	13	3	3

Tabela 3: Papel atribuído às aulas presenciais e às atividades autônomas

Através da análise das respostas dos estudantes pode-se perceber ainda uma importante predominância das aulas presenciais, muitas vezes associada às tarefas direcionadas pelo professor, como uma das únicas atividades voltadas ao desenvolvimento de seu aprendizado. Considerando que a tarefa de adquirir conhecimentos na Língua Alemã, ao mesmo tempo em que também se aprende a ensinar essa língua, exige um grande esforço complementar de todos os aprendizes, parece bastante surpreendente que os estudantes não estejam conscientes da necessidade do desenvolvimento de estratégias de estudo autônomas.

4. Conclusão

O presente artigo apresentou como um de seus principais pressupostos a importância de práticas voltadas para o desenvolvimento de estratégias de aprendizado autônomas junto a aprendizes, considerando, sobretudo, o contexto desta pesquisa, realizada em turmas de língua alemã de graduação em Letras Português-



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Alemão. Nesse sentido, reforça-se a ideia de que, aspectos como autonomia e descentralização da figura do professor no processo de aprendizagem, precisam e podem ser tematizados durante toda a formação do professor e não apenas nas disciplinas específicas de cunho didático-pedagógico.

Os principais resultados apontaram que, entre a maior parte dos estudantes, ainda há a crença de que professores e aulas presenciais desempenham um papel central no processo de aprendizagem, cabendo a eles próprios e às tarefas auto-direcionadas uma posição secundária.

Esperamos que este trabalho contribua para a reflexão sobre cursos de formação de professores de línguas no contexto universitário brasileiro, uma vez que ainda há aqui um número muito reduzido de projetos e trabalhos científicos que realizam e analisam encontros de Orientação Individual e seus recursos metodológicos, os quais muito podem contribuir para uma aprendizagem mais motivadora, eficaz e independente.

5. Referências

- DENZIN, Norman K. / LINCOLN, Yvonna S. A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: _____ (orgs.). *O Planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- DICKINSON, Lieslie. Learner autonomy: What, Why and how? In: LEFFA, Vilson. *Autonomy in language learning*. Porto Alegre: Editora da Universidade Rio Grande do Sul, 1994.
- _____. Autonomy and Motivation: A Literature Review. *System*, vol. 23, nº 2165–174. 1995.
- KLEPPIN, Karin/ MEHLHORN, Grit. Sprachlernberatung im schulischen Kontext. *Fremdsprache Deutsch* 38: 47-51, 2008.
- KLEPPIN, Karin/ SPÄNKUCH, Enke. Fremdsprachenlernerberaten / coachen - Was hat das mit Lehren zu tun? Ein Reflexionsangebot. In: *Fremdsprachen Lehren und Lernen* 43 (1), 94-108. 2014.
- LEFFA, Vilson José. Quando menos é mais: a autonomia na aprendizagem de línguas. In: NICOLAIDES, Christine/ MOZZILLO, Izabela/ PACHALSKI, Lia/ MACHADO, Maristela / FERNANDES, Vera. (Org.). *O desenvolvimento da autonomia no ambiente de aprendizagem de línguas estrangeiras*. Pelotas: UFPEL, v., p. 33-49. 2003.
- LÜDKE, André. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.
- HAGUETTE, Teresa Maria Frota. *Metodologias qualitativas na sociologia*. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 1999. 224p. <http://rbep.inep.gov.br/index.php/RBEP/article/viewFile/340/345> (10/02/2016)
- OXFORD, Rebecca L. *Language Learning Strategies: what every teacher should know*. Boston: Heinle&Heinle, 1990.
- PAIVA, V.L.M.O. Autonomia e complexidade: uma análise de narrativas de aprendizagem. In: FREIRE, M.M; ABRAHÃO, M.H.V; BARCELOS, A.M.F. (Orgs.). *Linguística Aplicada e Contemporaneidade*. Campinas e São Paulo: Pontes e ALAB, p.135-153. 2005.